

AFA^{TV} MAGAZINE

AGOSTO 2018 · ANO 2 · NÚMERO 15 | MENSAL
DIRETOR: RUI ALMEIDA SANTOS · 2,50€ PVP

ISSN 2183-9743



9 772183 974003

EM AVEIRO O FAIR-PLAY NÃO É UMA TRETA REPORTAGEM

LUÍS CONCEIÇÃO

“QUEREMOS CONQUISTAR
O PRIMEIRO EUROPEU”

ENTREVISTA

FERRO

“TEMOS O PRIVILÉGIO
DE VESTIR O ‘MANTO SAGRADO’
TODAS AS SEMANAS”

ENTREVISTA



CARTÃO BRANCO AS AVENTURAS NO PLANETA DO FAIR-PLAY

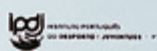
Texto: Vitor Hugo Carmo
Foto: Diogo Pereira | André Machado | Sérgio Santos

Quando a Associação de Futebol de Aveiro (AFA) implementou o cartão branco em 2016, transversal a todos os escalões e géneros, no futebol e no futsal, um novo paradigma começou a ganhar relevância entre os intervenientes das mais diversas competições, desde os "artistas" que tratam a bola por "tu" dentro das quatro linhas, até aos adeptos que garantem o seu lugar nas bancadas para vibrarem com as incidências do jogo. O fair-play aveirense foi ganhando terreno, e os comportamentos inerentes à ética e ao desportivismo cada vez mais premiados. Contudo, a AFA, através da comissão de avaliação da iniciativa, decidiu que a atribuição do cartão não poderia ser feita ao "desbarato", adaptando o padrão regulamentar a um critério que exorte ações com maior relevância. Nesse sentido, Ricardo Jorge, diretor da AFA, revela que "a comissão aplicou menos cartões brancos do que a média nacional", o que se justifica com o objetivo de dar mais importância a atos invulgares. "Embora parecendo contraditório da nossa parte, o que acontece é que o regulamento do IPDJ tinha uma tipificação em que o cartão branco era aplicado em situações que acontecem em quase todas as jornadas. Com isso, percebemos que tínhamos de aplicar a medida em situações de maior relevo e fora do

comum, e demos formação aos árbitros nesse sentido", explica o dirigente. Desde que a medida começou a ser implementada, há duas épocas, foram mostrados 86 cartões brancos, em Aveiro Ricardo Jorge evidencia que, a cada jornada, mais probabilidades existem de exibir o símbolo do fair-play. "Podendo ser mostrado em qualquer jogo, o cartão branco tem visibilidade imediata para todos os que a ele assistem. Por isso, situações houve em que um ou outro adepto nos enviou mensagens de correio eletrónico a alertar para ocorrências em jogos que justificavam um parecer para a amostragem do cartão branco. Por vezes, o cartão não foi atribuído, porque entendemos que não se justificava. Contudo, estamos a conseguir que as pessoas estejam mais atentas e valorizem ainda mais o fair-play", relata o dirigente. Como forma de valorizar as práticas de desportivismo, a AFA voltou a premiar os melhores de Aveiro na sua gala anual, distinguindo diferentes intervenientes por acontecimentos para mais tarde recordar. Nas páginas seguintes, a AFA Magazine conta-lhe as histórias dos cartões brancos atribuídos a Marcelo Silva, Paulo Valente, Tomás Cardoso, Sandro Machado e Patrícia Marques, eles que desfrutaram de uma aventura no planeta do fair-play aveirense. ▶



CARTÃO BRANCO | FAIRPLAY



cajao

Coca-Cola

"SINTO-ME
REALIZADO
DE CADA VEZ
QUE VEJO QUE
AS PESSOAS
FICAM BEM"



**MARCELO
SILVA**

No primeiro ano como árbitro principal, mostrou um cartão branco e recebeu outro, sendo o mais jovem entre os juizes da categoria C3 em Aveiro.

Marcelo Silva guarda no bolso da camisola três cartões. É assim a vida de um árbitro, que para cada sentença do seu julgamento tem também uma cor a atribuir. Ao jovem, de 20 anos, saiu-lhe o branco. Foi o que aconteceu no jogo entre os iniciados do Mourisquense e do Atlético do Luso, quando os papéis se inverteram, com Marcelo Silva a passar de juiz a alvo de reconhecimento da AFA, recebendo o cartão do fair-play. À terceira época na arbitragem, o árbitro, que concluiu o terceiro ano do curso de Enfermagem, rapidamente socorreu um jogador que sofreu uma queda aparatosa, lesionando-se no ombro. "Nenhuma das equipas tinha equipa médica. Agi imediatamente com a ajuda do meu assistente, que também está a estudar Enfermagem. Bastaram algumas palavras para afastar os jogadores e os diretores. Foi tudo verbal até a ambulância chegar", conta Marcelo Silva, que, com a sua experiência na matéria, entendeu manter o jogador imobilizado.

O árbitro vestiu a pele de herói dentro das quatro linhas, também porque a paixão pela enfermagem lhe permite ter o conhecimento "para cuidar e tratar das pessoas". "É o mais importante" para o futuro enfermeiro. "É o que mais gosto de fazer, e sinto-me realizado de cada vez que vejo que as pessoas ficam bem", completa.

Marcelo Silva viu o seu esforço recompensado quando teve a certeza de que o jogador do Mourisquense conseguiu recuperar da lesão, mas também ele sabe recompensar gestos altruístas. O juiz respondeu afirmativamente ao pedido da equipa feminina do Murtoense para entrar em campo com apenas seis jogadoras no confronto com o Relâmpago Nogueirense, que tinha apenas disponível igual número de atletas. "Acenou-lhes" com o cartão branco, da mesma forma que o futebol também já lhe "acenou" de forma bastante positiva, algo invulgar na arbitragem. "Já ouvi bocas porreiras e já me bateram palmas por advertir dois jogadores, em vez de os expulsar. A comunicação com os jogadores é o mais importante na arbitragem", conclui o árbitro. ▶



PAULO VALENTE

**“Se não queremos o nosso mal,
também não podemos
querer o do adversário”**

Paulo Valente é daqueles jogadores que gosta de “meter o pé”. “Sem maldade”, ressalva o defesa da Ovarense. Conhecido por ser aguerrido na disputa dos lances, nunca dá uma batalha por perdida. O lateral traz consigo uma paixão de infância, razão pela qual se tornou num guerreiro vareiro “de gema”. “Quando era miúdo, os meus ídolos não eram os jogadores dos três grandes, mas sim os da Ovarense. Hoje, é um orgulho ver os miúdos da formação a chamarem por nós e a cantarem as músicas de apoio. Temos de passar uma imagem de respeito pelo clube. Só assim se ensina a nossa mística”, assegura Paulo Valente. É precisamente essa imagem, que também é de lealdade e paixão, que o jogador, de 24 anos, pretende transmitir. Não “a errada, acerca de uma pessoa que é um pouco mais agressiva dentro de campo”. O jogador garante que “a entrega de cada um ao jogo não tem nada que ver com o fair-play”, e a comprová-lo surge o acontecimento que lhe mereceu a atribuição do cartão branco. Durante o jogo da formação vareira com o Alvarenga, a contar para a Divisão de Elite de Aveiro, um jogador da equipa adversária lesionou-se com gravidade num joelho, ficando estendido no relvado. “Por acaso, nesse jogo, estava no banco, e o lance aconteceu do outro lado do campo. O mister perguntou se estava alguém disponível para ajudar, e eu disponibili-

zei-me imediatamente. Quando cheguei perto do jogador, percebi que estava com imensas dificuldades. Peguei nele ao colo e levei-o para o banco de suplentes”, recorda Paulo Valente. Para além do cartão branco, o jogador da Ovarense ainda teve direito a uma chuva de aplausos enquanto carregava o adversário ao colo, atitude que também mereceu o sarcasmo dos colegas de equipa. “Muitos nem se aperceberam, e os que repararam disseram que me estava a fazer de santinho. Gozaram comigo por ser um jogador duro, mas a verdade é que se não queremos o nosso mal, também não podemos querer o do adversário”. O regozijo pelo cartão branco recebido é evidente, o que leva Paulo Valente a considerar a medida da AFA “uma boa iniciativa, porque, no futebol, há atitudes que valem mais do que três pontos ou outros troféus”. “É uma forma de chamar a atenção para o desportivismo”, acredita. O jogador alerta ainda que “as boas atitudes também têm de partir dos mais velhos”, num jogo em que o trabalho de um árbitro deve ser mais respeitado. “Tal como nós falhamos um passe ou um golo de baliza aberta, um árbitro também tem direito a errar. O árbitro está sempre sozinho entre 22 jogadores. Por isso, devíamos colocá-los no seu lugar em determinados momentos, para percebermos que não é fácil estar ali”, conclui. ▶



RAKSO

GRUPO
VICTOR ROCHA
E FILHO Lda

A D O

“Disse aos jogadores que não precisávamos daquele golo e que não temos de ganhar com irregularidades ou malandrices”

Em boa hora Sandro Machado decidiu deixar a equipa sénior do Atlético do Luso para treinar os benjamins do clube. Permitted-lhe provar a si próprio que é capaz de exercer a tarefa para a qual pretendia estar destinado no futsal de formação. “Os treinadores das camadas jovens deviam estar mais formatados para não inculcirem nos mais novos a vitória a todo o custo. Com o decorrer do processo de formação, os jogadores acabam por assumir coisas negativas. A vitória não pode ser considerada quase como uma questão de vida ou de morte. Isso alimenta frustrações nos jovens”. Fiel às suas palavras, Sandro Machado tomou a decisão de avisar o árbitro do jogo com o Angeja que, após um remate de um adversário, uma jogadora da sua equipa havia intercetado a bola com mão. Na sequência do lance, o Atlético do Luso marcou mais um golo, mas Sandro Machado, percebendo que o árbitro estava fora do campo de visão do lance, alertou para a irregularidade. “Na altura, os jogadores não entenderam, e até ouvi alguns bitaites da bancada. Alguns pais não perceberam o facto de o árbitro ter invalidado o golo. Pedi para terem calma, e disse-lhes que depois seria tudo explicado”, conta o treinador, que decidiu afastar-se de uma “cultura de excessos na competição” para evitar “coisas menos boas” que assistiu no futsal sénior. “Aquilo que vivi e experienciei permite-me, na atualidade, ensinar os miúdos de uma forma mais correta. Por isso, no jogo com o Angeja, disse aos jogadores que não precisávamos daquele golo e que não temos de ganhar com irregularidades ou malandrices. Disse para jogarem limpo”, revela.

Sandro Machado alcançou a vitória que tanto queria ao abraçar o projeto da equipa de benjamins, e o cartão branco é tão só a representação da filosofia do treinador. “O reconhecimento da AFA tem mais valor porque os meus pequenos atletas entenderam a mensagem. Esse é, e sempre será, o verdadeiro prémio”, conclui. ▶



O TREINADOR DO ATLÉTICO DO LUSO AVISOU O ÁRBITRO DE UMA IRREGULARIDADE QUE O JUIZ NÃO VISLUMBROU



SANDRO MACHADO


TOMÁS CARDOSO



“Depois do que aconteceu, já sei que não posso reclamar mais. Nem eu, nem os jogadores da nossa equipa”

Ao chegar a casa com o diploma de excelência do 6.º ano de escolaridade, Tomás Cardoso deixou pais e avós orgulhosos pela dedicação do aluno que, um dia, sonha frequentar o curso de Engenharia Aeroespacial. E se há um miúdo a comandar o seu próprio sonho, também há um adulto a viver na mente do jogador dos infantis do Taboeira. A responsabilidade com que encara a vida, o futebol e os seus projetos fazem de Tomás Cardoso um caso único. Talvez, um dia, alcance o universo do sucesso a construir veículos aeroespaciais ou a vestir um fato de astronauta para explorar novos mundos. “É precisa muita matemática e dedicação se quiser seguir esse caminho”, confessa o jovem jogador que, à margem das suas ambições, foi premiado com o cartão branco. O “mea-culpa” no final da partida entre o Taboeira e o Estarreja, que decidia o primeiro lugar em infantis B, deixou todos os intervenientes no jogo espantados, e foi também um sinal da sua maturidade. O guarda-redes do Taboeira pediu desculpa ao árbitro pelo seu comportamento, bem como pelas atitudes extemporâneas do seu treinador e colegas de equipa. “O jogo estava muito intenso, e havia problemas com tudo. Sempre que existia uma falta, toda a gente reclamava. Até eu reclamei. No final, senti-me na obrigação de pedir desculpa”, descreve o guarda-redes. Vítor Baia e Manuel Neuer são as referências de Tomás Cardoso. A baliza que guarda tem a medida de uma honesti-

dade que o guarda-redes deixa transparecer quando confrontado com a importância do reconhecimento da AFA. “Para quem gosta de prémios individuais, que o cartão branco seja mais uma motivação. Assim, também estão a trabalhar para que o futebol seja melhor. Eu não procuro prémios individuais, mas é óbvio que fico feliz por tudo o que aconteceu”, admite, passando a bola para as instituições que regem o futebol. “Questionei-me se tinham este sistema nos campeonatos nacionais, e percebi que não. Já é tempo de fazerem isso no futebol nacional, que é o que mais precisa”. Tomás Cardoso não tem qualquer dúvida existencial quanto ao paradigma do fair-play na humanidade, e transporta o acontecimento do jogo de futebol entre o Taboeira e o Estarreja exercendo a sua declaração universal de desportivismo. “Na pré-história havia paz. O Homem vivia por instinto de sobrevivência, e caçava. Não havia uma caça ao Homem feita pelo Homem. O que não se compreende é que sempre que a civilização vai evoluindo exista cada vez mais confrontos entre as pessoas”, explica. O jovem que um dia quer chegar ao espaço e que está determinado em aplicar-se na matemática para cumprir os seus sonhos, foi ainda premiado com a realidade para qual já está preparado. “Depois do que aconteceu, já sei que não posso reclamar mais. Nem eu, nem os jogadores da nossa equipa”, garante. ▶



JORGE SANTOS,
DIRETOR DO
MONSARROS,
ORGULHA-SE DO
AUXÍLIO PRESTADO POR
PATRÍCIA MARQUES,
ADEPTA DO CLUBE,
A UM JOGADOR
DO BEIRA-MAR



Na fronteira entre os concelhos de Anadia e da Mealhada, há uma pequena aldeia que tem mais um motivo de orgulho pelos seus. Em Vila Nova de Monsarros, o futebol e o futsal já conseguem agitar a população, que vai seguindo atentamente os seus jovens nas competições distritais. Quase todos os fins-de-semana, a pacatez dá lugar às palavras efusivas de apoio, mas em Monsarros existem diferentes formas de ser interveniente no jogo. Que o diga Patrícia Marques, a adepta "condecorada" com o cartão branco pela sua atuação no jogo de futsal entre o Monsarros e o Beira-Mar. A enfermeira no Hospital Pediátrico de Coimbra socorreu um jogador do Beira-Mar, que teve uma queda aparatosa, embatendo com a cabeça no chão, o que levou o jovem a perder os sentidos momentaneamente. A prontidão de Patrícia Marques, mãe de um jogador do Monsarros, permitiu que se tomassem todas as medidas para que o jogador recuperasse. E foi o que aconteceu. Jorge Santos, diretor da equipa de iniciados do Monsarros, estava sentado no banco de suplentes quando tudo aconteceu. "Foi uma atitude bonita. Com a profissão que ela exerce, foi mais fácil ajudar o miúdo. Pedi para lhe darmos mais espaço enquanto estava caído, e falou com ele. Toda a gente ficou mais tranquila. O árbitro até brincou com a situação no final do jogo, considerando que foi uma invasão de campo útil e pacífica", recorda o dirigente. Para Jorge Santos, a atitude da adepta "não é de estranhar, porque se trata de uma pessoa que está sempre disposta a auxiliar em tudo". Apesar de impossibilitada de aceder ao convite da AFA Magazine para conversar sobre o episódio, por questões profissionais, Patrícia Marques ainda teve tempo de deixar uma mensagem pela atribuição do cartão branco. "Isto é tudo pelas nossas crianças. São elas que interessam", afirmou. ■